



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 21.6.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões do Gabinete da Reitoria

Entrevistados: Hermano Machado Ferreira Lima

Responsável pela transcrição: Kaline Faria de Araújo e Mayane Ranice Costa da Rocha (bolsistas)

Carlos Gomes: Professor Hermano, o senhor é professor de qual departamento?

Hermano Machado Ferreira Lima: Fui lotado em vários departamentos.

[Inaudível]

Carlos Gomes: OK?

Moisés Domingos: OK!

Carlos Gomes: Bom, iremos ouvir agora o Professor Hermano Machado Ferreira Lima, que foi o primeiro presidente da ADURN. A primeira pergunta é sempre, mais ou menos, em quadrante: gostaria de saber qual era sua participação na política estudantil, anterior ao seu ingresso na Universidade.

Hermano Machado Ferreira Lima: Primeiro, irei dar um depoimento muito diferente do Jurandyr, uma vez que não sou primo de ninguém, não sou sobrinho de ninguém [risos], “meu primo isso, meu irmão aquilo”. Eu sou do Ceará, sou nordestino. Nasci no

Ceará, não obstante, vivi pouco tempo lá, fui morar em Pernambuco para poder cursar a Faculdade de Sociologia e Política. Não sou cientista social.

José Antônio Spinelli: Eu acho que você é pernambucano, não é?

Hermano Machado Ferreira Lima: Quase.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu também achava.

Hermano Machado Ferreira Lima: Quase; digo isto porque foi em Pernambuco que cumpri todos os ritos de passagem: prestei o vestibular, me casei, tive filho, me separei [risos]. Então...

Carlos Gomes: Veio ao...

Hermano Machado Ferreira Lima: Ao Rio Grande do Norte. Em Fortaleza, eu trabalhava num órgão da Arquidiocese que era o grupo de educações de bases. Quando eu fui para Recife, eu fui trabalhar no movimento de bases, no treinamento para as pessoas trabalharem no MEB. Quando eu saí do treinamento, eu já estava na equipe estadual do MEC de Pernambuco. Nessa época, [inaudível] eu tive uma proximidade muito grande, sobretudo com Dom Helder. Nós nos encontrávamos quase que semanalmente. É se ele estive aqui depondo, não iria se lembrar de mim, porque ele se encontrava semanalmente com milhares de pessoas. Quando eu fiz a faculdade, é... Fiz sociologia porque eu queria fazer sociologia. Eu não queria cursar ciências sociais e não queria sair do nordeste, fui a Recife, pois era a única capital do nordeste que tinha curso de sociologia.

Carlos Gomes: Você entrou em qual ano?

Hermano Machado Ferreira Lima: Em 1964.

Carlos Gomes: Concluiu em...?

Hermano Machado Ferreira Lima: Dezembro de 1967.

Carlos Gomes: Não houve nenhuma interrupção?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não! Nunca fui preso, nunca respondi a inquérito. Andei no final da vaga o tempo “todinho”. Apesar de achar que ia ser preso, eu fiquei: me livrava.

Carlos Gomes: E o seu envolvimento na política estudantil?

Hermano Machado Ferreira Lima: Fui presidente do diretório.

Carlos Gomes: Onde?

Hermano Machado Ferreira Lima: Presidente do diretório de sociologia política.

Carlos Gomes: Em Pernambuco?

Hermano Machado Ferreira Lima: Pernambuco. E...

Carlos Gomes: Você se lembra o nome do diretório?

Hermano Machado Ferreira Lima: Era em homenagem a alguém [inaudível]. Não me lembro quem era, pois o curso foi absorvido pela Universidade Federal?

Carlos Gomes: Ah! Aqui também.

Hermano Machado Ferreira Lima: É... Foi absorvido pela Universidade Federal e teve essa memória...

Carlos Gomes: E, antes pertencia a quem?

Hermano Machado Ferreira Lima: A Universidade, não obstante, era um instituto

Carlos Gomes: Ah! Era do Estado?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não! Era da Universidade Federal de Pernambuco.

José Antônio Spinelli: Funcionava no centro, não era?

Hermano Machado Ferreira Lima: Funcionava no centro, no início era na Ribeira.

José Antônio Spinelli: Na Rua do Ofício?

Hermano Machado Ferreira Lima: Na Rua do Ofício, onde funcionava a Faculdade de Filosofia. Depois que o curso de Engenharia foi transferido para o campus, nós fomos para lá. Mas, eu houvera concluído a faculdade. Portanto, eu estudei na Faculdade de Filosofia. Na época o reitor era o Luiz Guimarães e... Eu não me lembro o nome do diretor da faculdade. Era um senhor da área de letras, latim, grego, uma coisa desse tipo.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E lá [inaudível]... Você que é contemporâneo de Fernando Teixeira, da Engenharia, que foi presidente da UEE?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não, não! Ele foi um pouco antes. Fernando Teixeira e Geraldo Vanderlei foram um pouco antes.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: O líder da direita, o nosso senador foi...

Hermano Machado Ferreira Lima: É! foi na disputa entre ele e Marcos Maciel. Marcos Maciel ganhou.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ele quem?

Hermano Machado Ferreira Lima: Fernando Teixeira.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É! Fernando Teixeira era da oposição.

Hermano Machado Ferreira Lima: Da oposição. Em Recife começou a [inaudível] quem não está comigo, está contra mim; quem não é “de direita”, é esquerda; quem não é “de esquerda”, é “de direita”. Era, ainda hoje é assim!

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Nessa época...

Hermano Machado Ferreira Lima: Nessa época ainda mais.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: A radicalização era muito grande.

Hermano Machado Ferreira Lima: A radicalização era muito grande.

Carlos Gomes: E havia muita pressão política no seu diretório?

Hermano Machado Ferreira Lima: Havia!

Carlos Gomes: Porque Política e Sociologia sempre foram cursos visados.

Hermano Machado Ferreira Lima: Um órgão suplementar na universidade.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Só uma informação, Marcos Maciel foi presidente do DCE da Universidade.

Hermano Machado Ferreira Lima: é da época, era UEE, União dos alunos.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Não, mas ele foi presidente do DCE da UFP.

Hermano Machado Ferreira Lima: Também.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Na época.

Hermano Machado Ferreira Lima: Isso foi um pouco antes. Quando entrei, ele já estava saindo. É o... Sim! Quem foi meu contemporâneo na faculdade, aliás, – ele fazia Direito e eu fazia sociologia, mas participei ativamente da campanha dele – foi Roberto Leite. Ele foi o fulano que tomou “da direita” o diretório da Faculdade de Direito.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: [Nome inaudível] era o mais conservador.

Hermano Machado Ferreira Lima: Era o mais conservador, era o foco do conservadorismo, do “udenismo”, daquele das famílias tradicionais de Pernambuco.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Fernando [inaudível] era dessa época?

Hermano Machado Ferreira Lima: Era. Mas, Fernando começou a faculdade, depois já entrou na política. Eu não sei como ele terminou o curso de direito. Quando criaram o PMDB, Fernando [inaudível] foi candidato a deputado estadual.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E aquele [inaudível]

Hermano Machado Ferreira Lima: É de Caruaru. Nessa época, eu já tinha uma atividade intelectual razoável, porém, nunca havia solicitado minha ficha, porque eu achava que não valia a pena, uma vez que muitas das acusações que eram feitas a mim, foram tributadas ao coitado do Hermano Alves. Inclusive, muitas pessoas me

chamavam de Hermano Alves. Um jornalista, um nome famoso, “não sei o que pop”, não sabia meu sobrenome, assim foi dado Hermano Alves. Depois quem ficou famoso foi Hermano Lenere. Então, boa parte [inaudível] de Hermano Lenere foi eu que fiz: algumas documentações, algumas palestras. Lembro-me que realizei uma palestra na Faculdade de Serviço Social sobre a reforma universitária, em que me posicionei contra a criação de fundações universitárias. No mesmo dia, uma pessoa “chegou e disse”: “Hermano, está registrado na ASI da SUDENI sua palestra, mas, colocaram o nome de Hermano Alves”. Escreveram o dossiê com o nome de Hermano Alves. O SNI não funcionava como Jurandyr falou, não funcionava com processos, “acuso fulano, num sei o que tal”. Você entrou no serviço público... Nós estudantes, era quando se matriculava. Aliás, antes de se matricular, quando fazia o vestibular, tinha um calendário, um questionário que... “Dados socioeconômicos” que continha tudo da sua vida: nome, filiação, netos, pais, nomes dos irmãos...

Carlos Gomes: Era uma espécie de ASI?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não, não chegava a ser... Não depois quando a ASI, eu não respondi a isso. Mas, quando foram criados esses levantamentos socioeconômicos do vestibular.

Carlos Gomes: Um.

Hermano Machado Ferreira Lima: Uma parte daquilo ia direto pra ASI. Você entrou na universidade, você já abria um dossiê do “fulano”. Disse que tanto ele, como ela, eram vários nomes, uma quantidade imensa de... Arquivos [inaudível], gavetas. Nelas, estavam juntos os dossiês das pessoas, conforme o ano de entrada da universidade, conforme o curso. Tudo que aparecesse daquele fulano, eles juntavam ali [inaudível]. Então, uma vez, eu estava, eu assessor de [nome inaudível] Marinho, que era pró-reitor de assuntos estudantis.

Carlos Gomes: Aqui?

Hermano Machado Ferreira Lima: Aqui! Na época do Genário, eu precisei enviar uma documentação para o MEC, e, era necessário possuir o número do título de eleitor – ninguém anda com o título de eleitor, não tinha menor ideia qual era o número –

Então, fui na ASI, ao chegar, havia esse rapaz que era funcionário da Universidade: “Fulano, me dê, veja aí na minha ficha, o número do meu título de eleitor”.

Carlos Gomes: Eleitor.

Hermano Machado Ferreira Lima: Então, ele me deu. Depois, Zacheu foi na pró-reitora e disse: “Olhe, “Fulano” te deu a informação do número do seu título de eleitor, mas, quero te dizer, a ASI não é para dar esse tipo de informação”. Eu disse: “não, eu sei. Mas, achei que o serviço de segurança e informação não tinha os dados básicos dos servidores. É uma desmoralização do seus serviços não ter esses dados [risos]”. Bom, para ver como as coisas eram meio informais. A estrutura de poder era um negócio meio fluído; era um negócio meio estranho, sobretudo para mim, que vinha de Recife. Uma repressão imensa, imensa.

Patrícia Wanessa de Moraes: Em que ano aconteceu isso?

Hermano Machado Ferreira Lima: Isso... Eu entrei aqui... Foi em 1972, 73; Foi quando o Genário assumiu.

Carlos Gomes: Quando você veio para cá!

Hermano Machado Ferreira Lima: Quando eu vim para cá.

Carlos Gomes: Você veio assumir, aqui, alguma coisa?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não! Eu vim para trabalhar. Aliás, em Pernambuco eu trabalhei, pouco tempo, na companhia de eletricidade. Depois, fui demitido da companhia e não conseguia emprego.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você foi demitido por motivos políticos?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não! Aparentemente, ao menos, não. Disseram que era uma reestruturação da companhia. Eu trabalhara no serviço de eletricidade rural. “Precisamos diminuir o número de pessoas, temos muitas pessoas aqui... Blá-blá-blá”. Então, fui demitido.

Carlos Gomes: Você já formado?

Hermano Machado Ferreira Lima: Já formado.

Carlos Gomes: Foi pelos anos de 1960?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não! Ainda não era formado. Foi em 66, 67.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Já tinha deixado o MEB?

Hermano Machado Ferreira Lima: Já tinha deixado o MEB. Nós, em Pernambuco [inaudível], resolvêramos que o MEB não tinha condições de funcionar, porque, em 64, vários monitores foram presos e “uns” dois sumiram. “Estes fulanos” são considerados desaparecidos. Eu não me lembro o nome. O grande inconveniente da Comissão da Verdade é o longo prazo em que ela foi criada aqui no Brasil.

Carlos Gomes: É verdade.

Hermano Machado Ferreira Lima: Porque tem coisas que, por exemplo, eu estou vendo a figura do rapaz, mas, não me lembro o nome dele; alguém deve se lembrar, porém, eu não me lembro. E depois, eis uma coisa: eu estava vivendo, em 75, na eleição de Tancredo “de tal”; outra coisa é, agora, com 70 anos, aposentado da universidade. Todo mundo é meu amigo, todo mundo é uma maravilha, as pessoas são boas.

Carlos Gomes: É! As “coisas” mudaram!

Hermano Machado Ferreira Lima: Um dia desses, eu disse: “Fulano é uma boa pessoa”. Quero ver você dizer que alguém é ruim, que alguém não presta [risos]. Esse vai ser um sinal positivo para mim, ele é uma boa pessoa, ótima pessoa, é companheira. Aqueles que eu disser que tenho ódio, eu não guardo.

Carlos Gomes: Então, você viera ao Rio Grande do Norte?

Hermano Machado Ferreira Lima: Eu viera ao Rio Grande do Norte.

Carlos Gomes: Em que ano você viera para cá?

Hermano Machado Ferreira Lima: 1969. Eu não considero [inaudível] em Pernambuco. Minha mulher era funcionária da SUDENI, eu vivera do salário dela. Eu dera, por algum tempo, aula na Faculdade das Freiras. Foi o único lugar que [inaudível].

Carlos Gomes: Morei em frente da Faculdade, o colégio das damas.

José Antônio Spinelli: Alfa File.

Hermano Machado Ferreira Lima: Alfa File. Tinha uma freira gaúcha que era muito interessante, muito dinâmica. A Escobar e Amar de Carvalho. Elas me conheciam e me chamaram pra participar das pesquisas; eu ganhara, naquele local, [inaudível] algum trocado. Depois, eu dera aulas na Faculdade de Direito. Então, aparecera a oportunidade de trabalhar aqui. No último ano do mandato do Monsenhor Walfredo. Meu primeiro salário fora pago por João [inaudível].

Carlos Gomes: “Gente boa”!

Hermano Machado Ferreira Lima: “Gente boníssima”! Os trâmites burocráticos estavam demorados, então, Tereza falara com ele, eu fiquei. Duas pessoas, específicas, trabalharam aqui [inaudível]. Eu não recebera o salário. “Não se preocupe, eu mandarei pagar”. Pagou meu salário.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Qual era a repartição?

Hermano Machado Ferreira Lima: Era o DSS, Departamento de Serviço Social... Éramos, Oscar e eu.

José Antônio Spinelli: José Oscar Pereira.

Hermano Machado Ferreira Lima: É! José Oscar Pereira. Outros, posteriormente, foram: Alfredo, Luiz Gonzaga Tavares.

Carlos Gomes: Departamento?

Hermano Machado Ferreira Lima: Serviço Social... Não Departamento Estadual de Serviço Social.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: DSS fora antes.

Hermano Machado Ferreira Lima: DSS, que fora chefiado por Miguel Luiz Maninha.

Carlos Gomes: Muito bem! Portanto, você ficou aqui?

Hermano Machado Ferreira Lima: Eu fique aqui no estado. Quem trabalhava na assessoria do departamento era o Padre Emanuel Barbosa, foi diácono de muitos anos da Santa Terezinha, e o Barbosa nós ficávamos amigos.

Carlos Gomes: Ele foi preso?

Hermano Machado Ferreira Lima: Foi preso, porque ele comandou, aqui na polícia, uma grande.

Pessoa não identificada: Ele foi meu professor.

Hermano Machado Ferreira Lima: É... Depois caiu no esquecimento. Nos tornamos amigos, Barbosa e eu. Em 1970, o MEC intentava implantar a reforma nas universidades e, então, tivera duas alternativas: Ou vinha com força, para impor a reforma; ou, então, optava por algumas universidades de a... Para implantar a reforma, foram escolhidas as universidades que eram pequenas: Rio Grande do Norte, Paraíba, Santa Catarina, Brasília, há uma quinta, não consigo me lembrar. O sistema de tempo integral fora a primeira coisa realizada, com a intenção de promover a reforma nessas universidades. Portanto, nesse período, o salário que nós recebíamos era muito grande. Tão grande que, por exemplo, no meu primeiro pagamento, o receberei no banco do doutor Aldo Fernandes.

Carlos Gomes: Na Ribeira.

Hermano Machado Ferreira Lima: Na Ribeira. Era um banco particular, privado, do Rio Grande do Norte.

Carlos Gomes: O prédio ainda existe.

Hermano Machado Ferreira Lima: O prédio ainda existe, possui o mesmo perfil. O tempo passava, e, “nada de” meu cheque. Nessa situação, “lá pelas tantas”, eu chamara o funcionário e disse: “Olha, – o atendimento era feito através de fichas. A minha ficha era a 12, 13, e, estavam, creio eu, na ficha 50 e tanto – por que não chamam aqui” [inaudível]? “A razão é que o doutor Aldo quer falar com você”. Então, ele chegou e disse: “Qual o motivo de você estar sacando esse dinheiro todo”? Eu disse: “Porque minha mulher mora em Recife e tenho obrigações com a escola de nossa criança”.

“Diga-me uma coisa, qual sua função nessa universidade? Você é ‘esse tal’ de monitor?” [risos]. “Eu disse: Não, senhor! Eu sou professor”. “Como é que você, professor, ganha não sei quantas vezes mais que eu, que sou vice-reitor?” [risos].

Carlos Gomes: Ele era vice-reitor?

Hermano Machado Ferreira Lima: Ele era vice-reitor. Só que era um negócio, não era imparcial e ganhava o salário de... Tinha de 12 horas, de 20, 40 e dedicação exclusiva. Eu era dedicação exclusiva. Portanto, ganhava 3, 4 vezes mais que ele, na função de vice-reitor. Expliquei a ele o negócio de tempo integral. Eu vim ao RN, fiz o concurso, fiquei em primeiro lugar no [inaudível]. Na época, eram Diógenes Violeta, [inaudível] Varela, Geraldo Queiroz, Denise Afonso. É...

Carlos Gomes: Foi em que ano?

Hermano Machado Ferreira Lima: Foi em 1960... 1970. Eu fiz o concurso no Rio de Janeiro. Naquela época, os concursos eram mais rápidos, mas, primeiro, precisava-se autorizar a contratação. Como era um processo da reforma administrativa, já estava previsto “x” professores com tempo integral e dedicação exclusiva para implantar o ciclo básico. O mandato era por período trabalhista. Levava-se a carteira para o ministério do trabalho, e pronto. Só que [inaudível] em janeiro, fevereiro, março, abril, e “nada” de nós sermos nomeados. Organizamos uma comissão para falar com o doutor Onofre, para perguntar a razão de não serem feitas as nomeações. Se era um contrato de trabalho unilateral da Universidade. O doutor Onofre falou que queria receber todo mundo, marcou um dia e disse: “Olhe, o problema que está ocorrendo é o seguinte, há três pessoas deste concurso que o Serviço de Informação não quer contratadas: Denise Afonso, Geraldo Queiroz e Hermano Machado. A Denise eu não sei o motivo.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Geraldo militou nessa área.

Carlos Gomes: É! Geraldo conhece! Fez uma declaração no palco

Hermano Machado Ferreira Lima: Geraldo era Militar, antes de entrar no PMDB, na época era MDB.

Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros: Denise Queiroz?

Patrícia Wanessa de Moraes: Denise Afonso e Geraldo Queiroz.

Hermano Machado Ferreira Lima: Denise Afonso, Geraldo Queiroz e eu.

Kadma Maia: Quem falou?

Patrícia Wanessa de Moraes: Foi Onofre Lopes?

Hermano Machado Ferreira Lima: No gabinete dele.

Kadma Maia: Onofre Lopes?

Hermano Machado Ferreira Lima: “O serviço de informação ainda está fazendo restrições à contratação de vocês, mas, o reitor da Universidade sou eu, e, quem manda na minha Universidade sou eu!”.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Geraldo deu esse depoimento.

Carlos Gomes: Foi!

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Dele também.

Hermano Machado Ferreira Lima: “Aí, aí...” eu já...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Era só vocês, ou, era os três?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não, não era “todo mundo”. Denise Afonso, [inaudível] “todo mundo”, todos que estavam no “rolo” do contrato, estavam na reunião. Ele disse: “Tem três pessoas que tem restrições, mas, o reitor sou eu, quem manda na minha universidade sou eu, se eu não consigo contratar vocês, eles que me demitam. Mandou fazer os nossos contratos, então, tivemos o contrato. Nessa época, nosso departamento era Fundamentos Filosóficos, econômicos e sociais. Éramos três, quatro pessoas: Dom Heitor, Agnelo Barreto, eu, Artur Marinho e, acho, Domingos. Nós cinco, éramos quatro, ou, cinco nesse Departamento. Depois de “sentar na minha...” Foram-se... Artur foi para o [inaudível] parece! Não! Artur fico, Artur, Dom Heitor e eu. Ah! o outro era Augusto Carlos, Augusto Carlos Ribeiro, [inaudível] inclusive [inaudível] Augusto foi para a área de Direito não sei o que, “pô-pô-pô”; nós fomos para História, que na época era História e Geografia. Eu não me lembro quando

foi que a Geografia saiu. Ficou Filosofia e História. Então, fora realizar meu mestrado em São Paulo. Eu, Zé Eduardo, Moura e Xavier; Luciana em Minas, eu em São Paulo.

Patrícia Wanessa de Moraes: Em que ano?

Hermano Machado Ferreira Lima: Foi em 70... 73, 74.

Patrícia Wanessa de Moraes: O reitor era Genário.

Hermano Machado Ferreira Lima: Foi, o reitor era Genário. Nós fomos com “a coragem e a cara”. Pois, Genário dissera: “A única coisa que eu faço é manter o salário de vocês, não dou ajuda de passagens, não dou ajuda de coisa nenhuma”. Depois, quando eu estava na metade do mestrado, tinha uma amiga que trabalhava em Brasília e era muita amiga da funcionária chefe da CAPES, a saber, Silva Baia [inaudível], que era chefe da CAPES “há quinhentos anos” [...]. “Você não tem bolsa?” “Não”. “Conseguirei uma bolsa para você e para sua mulher”. Recebi um comunicado da USP, em pouco tempo, avisando que tinha uma bolsa disponível para mim. As bolsas da CAPES eram insignificantes, pois pagava duas empregadas, a escola dos meus três filhos, que era a segunda escola mais cara de São Paulo. Era uma bolsa razoável. Eu tinha bolsa, minha mulher tinha bolsa; desfrutávamos um padrão de vida razoável, suficiente para comprar livros, viajar... Quando nós concluímos o doutorado, conjuntamente com os que estavam aqui, decidimos sair da escola e criar o Departamento de Filosofia.

[Inaudível]

Caros Gomes: Era o caso de Aluizio?

Hermano Machado Ferreira Lima: Sim! Meninos, vocês podem arrumar um pouco de água?

Carlos Gomes: Posteriormente, saiu uma acareação da ADURN.

Hermano Machado Ferreira Lima: Nessa época, quando nós criamos o Departamento de Filosofia, foi o primeiro departamento criado, nós criamos um memorial explicando a necessidade do Curso de Filosofia para universidade e mostramos que nós possuíamos estrutura. Em nossa proposta, o curso não possuiria a modalidade bacharelado, e sim,

licenciatura, para, justamente, os alunos terem mercado de trabalho. A proposta foi muito elogiada dentro do CONSEP; afinal, era a primeira vez que um departamento estava sendo criado com todo aquele vigor. Isso foi em 1978, em 1979, houve uma SBPC em Fortaleza, o reitor era Diógenes e nós percebemos que era necessária uma representação dos professores. Os alunos tinham o DCE, os funcionários tinham a APURN, mas, nós professores não tínhamos nada. Já existia a APURN e ela já tinha sido criada como órgão recreativo.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu queria saber do seu passado.

Hermano Machado Ferreira Lima: Bom, porque a gente pensou isso? Quando Domingos foi reitor, foi um pouquinho antes, já no mandato do Genário, o MEC começou a pressionar as universidades pela qualificação. E a complementação dentro da formação. Mestrado, Doutorado. Porque ele estava pensando isso? Porque quando a Universidade começa a pensar sua política de formação, claro que vai ter gente de fora. Nós não tínhamos uma pós-graduação, não tinha um doutorado, não lembro se já tinha residência em Odontologia. Então essas pessoas viam de fora, que foi o que ocorreu. Minha mulher era de fora, Spinelli também era de fora. Então era uma quantidade grande de mineiros, cariocas e paulistas. Na época era fácil a Universidade regular isso, porque se você ia contratar professor com a formação a CAPES financiava. E aí uma quantidade enorme pessoas de fora. A universidade era uma espécie de reserva de mercado para a elite. Os filhos das famílias abastadas tinham condições de estudar fora e voltavam para cá. Para onde? Para a Universidade. Quando veio essa leva de pessoas de fora, aí a elite se assusta. A reserva de mercado está quebrada. A Universidade não é mais reserva de mercado das elites do Rio Grande do Norte. E o que eles fazem? Elegem um reitor que seja de uma família tradicional, não era eleição direta, era uma eleição formada dentro dos conselhos. Na eleição do Genário a estrutura que estava montada para as eleições foi quebrada porque realmente quem era eleito era o candidato do reitor. Que foi o caso de Heriberto, ele foi derrotado por Genário. Foi uma articulação bem montada e ele foi derrotado por Genário.

José Antônio Spinelli: Na verdade quem indicava o reitor era Dinarte.

Hermano Machado Ferreira Lima: Essa estrutura foi meio que quebrada com a eleição do Genário, ele conseguiu que o próximo eleito fosse Domingos.

Carlos Gomes: Depois não é?

Hermano Machado Ferreira Lima: Depois isso.

Carlos Gomes: Quem era o candidato de Genário?

Hermano Machado Ferreira Lima: Era Domingos.

Carlos Gomes: Não.

Hermano Machado Ferreira Lima: Era sim.

Carlos Gomes: É porque ele chama Domingos de traidor. É que o pessoal da equipe for armado.

Hermano Machado Ferreira Lima: O Domingos não tinha muita vivência acadêmica. Mas ele teve uma percepção muito grande do que era a universidade. Ele foi para os Estados Unidos.

Carlos Gomes: Ele era chefe de gabinete de Onofre?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não era bem chefe de gabinete, a Reitoria tinha um secretário. Era um empresado entre o reitor e vice-reitor. Que em muitas vezes mandava mais que o próprio reitor, pois quando o reitor não estava ele que decidia determinados assuntos. Quando Genário assume faz a reforma administrativa, que cria as pró-reitoras. E aí continua a mesma coisa, todas as verbas dos centros tinham que passar por ele. E aí nós resolvemos criar um órgão. Resolvemos que o MEB entraria e não tinha condições de funcionar. Logo em 1964, vários monitores foram presos. E tem uns dois pelo menos que sumiram. Esses fulanos são dados como desaparecidos. Eu não lembro o nome dele. O problema é lembrar, uma coisa é em 1975 a eleição do Tancredo e tal, outra coisa é hoje com sessenta anos. Eu vim para cá em 1969, eu não consegui arranjar emprego em Pernambuco, como minha mulher era funcionária da SUDENE o salário dela era... Eu ainda dei aula um tempo na Faculdade das Freiras. E aí apareceu uma oportunidade para eu trabalhar aqui no último mandato do Monsenhor Walfredo.

Quem me pagou o primeiro salário foi [Inaudível]. Os tramites burocráticos era muito demorado e Tereza Aranha falou com ele e ele pagou. Era o DSE... Departamento de Serviço Social.

Carlos Gomes: Departamento de Serviço Social?

Hermano Machado Ferreira Lima: Departamento Estadual de Serviço Social.

Carlos Gomes: Você ficou aqui?

Hermano Machado Ferreira Lima: Aí eu fiquei aqui. Quando eu para o estado quem trabalhava era o padre João Emanuel Barbosa. E nós ficamos amigos.

Carlos Gomes: Foi preso ele?

Hermano Machado Ferreira Lima: Foi preso ele. Quando foi em 1970, o MEC queria fazer uma reforma na Universidade. E aí tinha duas alternativas, ou você vinha com força para impor a reforma ou então você cooptava algumas universidades. Então foram escolhidas, Rio Grande do Norte, Paraíba, Santa Catarina, Brasília e tinha mais uma que eu não vou lembrar. E aí a primeira medida foi o sistema de tempo integral. O salário era tão grande que quando fui receber fui perguntado por que eu estava sacando aquele dinheiro todo. Eu expliquei que minha mulher morava em Recife e tinha escola de criança, essas coisas para pagar. Ele perguntou me diz uma coisa: você é o que da universidade, é esse tal de monitor? Sou professor, mas como você é professor a ganha mais do que eu que sou vice-reitor? Ele era vice-reitor e ganhava um salário que variava de 12 horas, 40 horas e dedicação exclusiva, eu ganhava dedicação exclusiva. E aí que vim para cá, tirei o primeiro lugar no centro. Eu passei no concurso em janeiro e nada de nós sermos nomeado. Foi um grupo questionar ao professor Onofre o porquê de não sermos chamado. Ele disse que ia receber todo mundo, e nos informou que havia três pessoas do concurso que, o Serviço de Informal não queria contratasse. Denise Afonso, Geraldo Queiroz e Hermano Machado. E Geraldo era deputado estadual pelo MDB.

Patrícia Morais: O senhor foi ao gabinete dele?

Hermano Machado Ferreira Lima: Sim. Nós fomos ao gabinete, e, ele nos falou que quem mandava na Universidade era ele. E se eu não conseguir contratar vocês, ele que

me demitam. O nosso departamento era chamado, departamento de fundamentos da Economia, algo assim. E aí, eu fui fazer o mestrado.

Patrícia Wanessa de Moraes: Em que ano isso?

Hermano Machado Ferreira Lima: Foi em 1973. Genário era o reitor. Nós fomos com a cara e coragem. O Genário nos avisou que a única coisa que podia ser mantida era nosso salário. Não dou ajuda de passagem, não dou ajuda de coisa nenhuma. E eu tinha uma amiga de Brasília que era amiga de uma funcionária lá da Capes. A Silvia Bahia, que era funcionária da CAPES há não sei quantos anos. Uma greve por tempo indeterminado. Assim como uma greve, foi uma greve estratégica, foi numa sexta-feira para terminar na segunda.

Carlos Gomes: O motivo da greve?

Hermano Machado Ferreira Lima: Era o plano de cargos e salários.

Carlos Gomes: Quem era contra?

Hermano Machado Ferreira Lima: O governo era contra, sobretudo, a tabela de remuneração. E a questão das titulações. Tinha umas coisas na universidade que vai e volta. Uma das alegações contra o plano era justamente o que a AGU fez agora. Tem que começar do primeiro degrau da carreira. A titulação não é necessária para colocar um fulano num determinado ponto da carreira. E esse foi um grande problema nossa na época. Nem o salário é pago pelo cargo, é pago pela titulação.

Carlos Gomes: Coincidiu com a transformação de celetista e estatutário?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não. Isso aí já é depois. Depois fizemos uma greve por tempo indeterminado. Quem não aderiu a greve era só alguns da medicina, e um ou outro da odontologia. A primeira greve por tempo indeterminado o pessoal do direito falou muito. Houve uma reunião de departamento, e disseram, não, porque é ilegítima a greve. Ah é ilegítima a greve, então o aumento que vocês tiveram é ilegítimo. Se for ilegítima a greve, é ilegítimo o aumento que vocês estão tendo. E eles estavam começando a perceber que estava tendo vantagem a mobilização. E grande tensão do Diógenes como reitor, era da universidade tomar mais uma vez aquela força

da universidade como reserva de mercado. E nossa batalha seguinte foi o plano de carreira e salários.

José Antônio Spinelli: Você disse que o plano de carreira e salários foi aprovado em 1986, 1987, já...

Carlos Gomes: Não. A luta foi em 1980.

Hermano Machado Ferreira Lima: Foi em 1982. Os funcionários foram inclusos no plano de cargos e salários, mas ainda como celetista.

Carlos Gomes: Agora, a repressão fazia nenhuma pressão sobre vocês?

Hermano Machado Ferreira Lima: Assim diretamente não. Todo mundo já sabia que a ASI existia, que existia um serviço de informação, que todos eram militares.

[Inaudível]

Hermano Machado Ferreira Lima: Da ASI deve ter mil coisas contra mim. Mas eu nunca procurei saber muito.

Kaline Faria de Araújo: Nessa criação da ADURN o senhor sentiu por parte da ASI alguma restrição para essa criação?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não. A ASI atuava muito nos bastidores. A pressão vinha de fora, de fora do departamento, de fora da sala de aula. Provavelmente muitas pessoas não gostariam que tivesse disso presidente.

Carlos Gomes: Naquele tempo falar de sindicato era algo subversivo.

Hermano Machado Ferreira Lima: Era sim. Subversivo.

Mayane Ranice Costa da Rocha: E nessas reuniões da ADURN, o senhor observava se tinha pessoas estranhas? Dizem que tinha um sistema de escuta lá. Muitos recortes de jornais das entrevistas que nós dávamos que eu dava. Eu chegava e pedia pra assinar mesmo a ficha de filiação e não tinha como eles não assinarem. Em 1988, servidor público não podia se sindicalizar. E, então, dava o nome de associação, mas por ter conotação recreativa, era integro cultural, não sei mais o quê. Mas ele deu ênfase a

questão da cultura. E tinha a vantagem de que como era associação dos funcionários, a sua contribuição podia ser descontada em folha. A ADURN começou a ter uma receita razoável porque o desconto era em folha. Na época que o Diógenes foi reitor, a tensão era muito grande porque ele chamava muito estrangeiro. Como eu tinha certo status dentro da universidade, era um professor bastante respeitado, e não tinha essa de que vou te demitir, mas depois nossa relação passou a ser muito cordial. A fundação da associação era pra tentar garantir o direito dos professores e legitimar. Nossa estratégia era montar a primeira diretoria. A primeira diretoria fui eu, Márcio, Pepita, Joel Carvalho e Vera Rocha.

José Antônio Spinelli: Vera Amaral.

Hermano Machado Ferreira Lima: Pronto. Éramos nós cinco, e a gente movimentou muito. Até hoje o número de sócios era aquilo que nós tínhamos deixado.

Ângela Ferreira: 2.400.

Hermano Machado Ferreira Lima: Pois é, na nossa época era em torno de 1.000 e pouco. Eu lembro que Aluizio me chamou perguntando se eu não queria ser deputado estadual. E aí, nós criamos a diretoria, com um número grande de associados. Ainda hoje a ADURN está com um problema que para dissolver a associação você precisa de um coro muito grande. Por quê? Porque nós tínhamos muito medo do reitor convocar muita gente da medicina e acabar com a associação. Porque tinha ocorrido um fato como este na época do Diógenes. Numa assembléia nossa lá, baixou todos aqueles do direito lá. Disseram eles que foi um erro da secretária de Diógenes, que, na verdade, ele tinha convidado eles para a Reitoria, mas acabaram indo para a assembleia da ADURN no CCSA. Então nós ficamos meio assustados. Então criada a ADURN, ela começou a ter uma ação muito grande, começou a criação de outros departamentos.

Carlos Gomes: Lembra do ano?

Hermano Machado Ferreira Lima: Foi em 1979 e se intensificou em 1980. Como eu já bem conhecido na universidade e estava há certo tempo, eu procurei várias outras pessoas. Fui procurando aquelas pessoas que eram importantes nos seus centros. Os mais resistentes eram da medicina, mas mesmo assim, Marcelo Carvalho, Iaperi,

Hernani Rosado, Eudis Moura. Então o MEC estava com uma ideia de montar um plano de cargos e salários para os professores. Que se mantiveram até quatros anos atrás. E na discussão desse projeto, não resolvemos fazer a primeira greve. Saímos de centro em centro, com a proposta de greve e que era preciso que as pessoas participassem. Quando a gente aprovou a greve, decidimos então ir para a sociedade civil. Dom Nivaldo, Dom Heitor, a bancada Federal, a liderança da assembléia legislativa, Carlos Augusto Rosado. Porque qualquer movimento para desarticular o movimento, a sociedade civil estava participando. Isso foi uma preocupação grande que nós tivemos. A ADURN que a ADURN não representava os professores por que...

Carlos Gomes: É porque na estrutura jurídica... A ADURN não era um sindicato.

Hermano Machado Ferreira Lima: eu não era mais o presidente, mas Ailton, dei quanto o que eu podia juntar de gente importante na universidade aqui nessa sala “não admitimos que a Reitoria use esse tipo de argumentação”, você é professor universitário, professor universitários vocês poderiam vir aqui pra nos representar, nós não admitimos que você use esse tipo de argumento que a o nosso sindicato não é legítimo, apesar de não ter o nome sindicato, mas é uma associação que tem defendido os interesses você vai ter que ir ao procurador para ele retificar essa coisa.

Carlos Gomes: Houve alteração estatutária com certeza, deve ter havido?

Hermano Machado Ferreira Lima: Não, era um... Não me lembro o que era...

Carlos Gomes: Por que pelos objetivos da ADURN ela eu não...

Hermano Machado Ferreira Lima: Eu não sei se a cede a cede que queriam mudar a cede para fora, tirar daqui, que até hoje a ADURN tinha a cede aí dentro do campus, começou a ...

Carlos Gomes: Começou um chãozinho de nada.

Hermano Machado Ferreira Lima: Eu não me lembro se foi isso, se foi o desconto em folha que eles nem quiseram tirar o desconto em folha, e o meu escudeiro era o Robson.

Carlos Gomes: Robson era uma figura [risos].

Hermano Machado Ferreira Lima: Ele, Walter, Pepita aí estava Marlia.

Carlos Gomes: Marlia era outra pessoa também...

Hermano Machado Ferreira Lima: [inaudível] “Não admitimos que use esse tipo de argumento para desqualificar nossa associação”. E aí eu não sei como é que ficou, a ADURN até hoje ta aí e ele continua descontando a folha.

Carlos Gomes: É o que existe é essa lutazinha, certas coisas que hoje é outro organismo, aí existe eleição todos se transformam, é tudo entre eles professor mesmo.

Hermano Machado Ferreira Lima: Agora, uma coisa muito difícil, eu tenho para mim que venho de Pernambuco, era, eram os colegas, o fulano se gabava por que era da ASI, que tinha acesso ao SIGAA, eu achava aquilo estranho.

Carlos Gomes: Coma hegemonia do poder repressivo...

Hermano Machado Ferreira Lima: A quantidade de militares que tinha na Universidade.

Carlos Gomes: Mas isso perdurou muito tempo.

Juan de Assis Almeida: Professor, mas o senhor sabe quem se gabava que era da ASI...

Mayane Ranice Costa da Rocha: Aqui?

Carlos Gomes: Ah! O Ivan Benigno era um!

Juan de Assis Almeida: Mas tinha outro.

Hermano Machado Ferreira Lima: Não, tinha...

Juan de Assis Almeida: Os militares da época?

[Inaudível]

Hermano Machado Ferreira Lima: Os militares era Genário, Zacheu, [inaudível]
Uma quantidade enorme de professores que era... o Paulo Lobo Saraiva era?

[Inaudível]

Juan de Assis Almeida: Era.

[Inaudível]

Hermano Machado Ferreira Lima: No sistema de repressão não tem esse que está fora, está todo mundo dentro, todo mundo dentro e você não garante nada com ninguém. Quando o Jarbas Passarinho era ministro da educação [inaudível] aí ele dizia: “eu quero ter umas entrevistas com os estudantes e na televisão.” E todo mundo: “não é bom que o senhor faça isso, porque o senhor não sabe o que esses alunos vão dizer”. “Eu garanto”. “O senhor não garante”. “Eu garanto porque eu sou o general, eu sou isso eu sou aquilo”. Fez a entrevista. Quando terminou a entrevista, a Rosa estava presa. Foi levada para um hotel.

José Antônio Spinelli: Quem?

Hermano Machado Ferreira Lima: A Rosa, a Rosa Fonseca, em Fortaleza, num debate que o Jarbas Passarinho quis fazer pela televisão, e fez. Todo mundo na universidade disse: “não faça, você não garante”. “Garanto, garanto, garanto”, ela respondeu. “Você não garante!” Ora, quando terminou o debate, a Rosa já saiu para cadeia.

Carlos Gomes: É por que as coisas, o doutor Onofre tornou-se testemunha de pessoas, porque quando vinha prender pessoas aqui: “não, não prenda não, eu garanto que ele se apresenta”. E o pessoal do exército aceitava, então quando eles faziam o depoimento, cumprindo a palavra de doutor Onofre atendia aí doutor Onofre ia defender.

José Antônio Spinelli: foi o caso de Ivaldo Caetano.

Carlos Gomes: E não foi só Ivaldo não, outros também.

Juan de Assis Almeida: Professor? No site de Roberto Monte DH net mostra a relação de depoentes no inquérito da UFRN consta que Onofre Lopes e Otto Guerra serviram como testemunha de acusação.

Carlos Gomes: Mas os documentos...

Juan de Assis Almeida: Na verdade, a gente não tem acesso a nada desse tipo ainda, nada.

Carlos Gomes: Não é, mas tem documentos que você me mostrou onde fala que doutor Onofre a atitude de doutor Onofre foi...

Juan de Assis Almeida: Foi de Otto Guerra.

Carlos Gomes: A Otto.

José Antônio Spinelli: Foi de defesa.

Hermano Machado Ferreira Lima: Ele defendeu o filho dele, de Marcos Guerra, foi advogado de Marcos Guerra.

Carlos Gomes: [Inaudível]. Tanto que estava conversando com Marcos, ele virá aqui viu, Kadma?! Ele vai marcar. Marcos disse: “Carlos, na verdade a um hiato muito grande em minha vida, por que eu fui embora para a Europa e pronto me desliguei”. Aí ele vivia se escondendo, por que ele disse que a Operação Condor ele ia matá-lo também, ele foi pra África, é uma das grandes vítimas foi ele. O sonho dele era montar com o pai um escritório exatamente para a advocacia social e quando ele teve que fugir e retornou doutor Otto já não tinha mais condições.

José Antônio Spinelli: Muitos projetos de vida foram frustrados.

Carlos Gomes: Acabou, 20 anos de ausência. O pai foi vê-lo antes de, ele morava na Europa teve que ir lá.

Hermano Machado Ferreira Lima: Doutor Otto, ele não foi reitor porque os mandatos dos vice-reitores não coincidiam com...

Carlos Gomes: Não, não coincidiam.

Hermano Machado Ferreira Lima: Quando Genário era reitor, ele indicou o doutor Otto para ser continuar como vice-reitor e o sistema de informação não deixou. Aquele irmão de Rosário [inaudível] que é o chefe de gabinete do [inaudível] Danilo, algum nomezinho assim, interferiu, falou com Rosário.

José Antônio Spinelli: Pedindo que o doutor Otto...

Hermano Machado Ferreira Lima: Pedindo para assumir como vice-reitor. Uma das muitas alegações era que ele tinha defendido preso político. “Mas eu não defendi só preso político, eu defendi o meu filho e eu como pai tenho que dar [inaudível] ao filho.”

Carlos Gomes: Mas ele defendeu, ele requereu.

Hermano Machado Ferreira Lima: Não, ele não defendeu, ele reafirmou. Não só porque ele era advogado, e sim, porque era o filho dele. E um pai tem que dar [inaudível] ao filho. Nos direitos Romanos [risos].

Carlos Gomes: Doutor Otto era um homem correto, religioso.

Hermano Machado Ferreira Lima: Doutor Otto era uma figura impressionante. Teve uma vez que na época que começaram as coisas lá, não, foi na época da redemocratização, não antes, ele era vice-reitor. Tem uma tradição aqui desde doutor Onofre o vice-reitor era responsável pelos hospitais. Então, teve um acidente muito sério aqui que um rapaz ficou ferido teve uma hemorragia interna, e aí o diretor do hospital ligou para ele e disse: “doutor Otto, só tem um jeito de passar, de salvar esse sangramento. E comprando uma droga que custa hoje 500 reais, só que ela não está no nosso rol e não foi lícitada, não está no rol de medicamentos”. “Não tem importância, o rapaz é salvo, então compre. Leve amanhã a ordem do processo que eu assino”. Aí vem um cara do tribunal de contas, glosou a compra de doutor Otto. Aí doutor Otto foi [inaudível] era um caso de urgência o rapaz estava com hemorragia, era uma hemorragia séria, era um garoto de 18 anos, ele precisava daquele medicamento. Não contava, pois era uma droga que estava no mercado pouco tempo. O cara não aceitou, veio de novo, estava o rapaz estava por aqui, disse: “doutor Otto, o rapaz do tribunal de contas disse que não aceita o seu cheque”. “Peça ele pra vir aqui”. “Olha, meu amigo, é o seguinte: eu não vou pagar esses R\$500, por que eu não fiz nada de errado. Agora, eu quero te dizer: eu prefiro ir pra cadeia com a consciência tranquila de que salvei uma vida, a ter uma consciência doída o resto da minha existência, porque podia ter salvado uma pessoa e não salvei”. Ele era um homem muito calmo, ele não falava assim nesse tom, mas era de uma integridade absoluta.

Carlos Gomes: É por isso que é bom, existe a história das verdades cruzadas. O papel na mesa não diz o essencial.

Juan de Assis Almeida: Diversos depoentes já ressaltaram o diálogo de Otto Guerra com a classe estudantil, o que Onofre não tinha, Onofre era muito...

Carlos Gomes: Ah! Onofre era muito... Todo mundo sabia.

Juan de Assis Almeida: [Inaudível].

Carlos Gomes: Tendemos a julgar o professor, a gente vai ter que avaliar isso aqui para não cometer injustiças.

Hermano Machado Ferreira Lima: Agora, tem uma coisa...

Carlos Gomes: Tem nomes que nós precisamos ressaltar, pois têm muito valor.

Hermano Machado Ferreira Lima: Agora, eu fiquei com muita pena. No ano passado, ele faria cem anos, não foi feito uma homenagem a ele, nem dentro da própria Universidade.

Carlos Gomes: É verdade.

Hermano Machado Ferreira Lima: Não condiz com a contribuição que doutor Otto deu a universidade, como professor de direito civil, como diretor da faculdade, como vice-reitor e como homem da sociedade civil de Natal.

Carlos Gomes: O pessoal às vezes acusa que ele foi integralista. Naquele tempo, não tinha outra opção [Inaudível]. Cascudo foi...